

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
24 de Outubro de 2020
A Cinemateca com o DocLisboa: A VIAGEM PERMANENTE
– O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA

MAGDANAS LURDJA / 1955 “O Burro de Magdana”

*Um filme de Tengviz Abouladzé
Rezo Tchkhaidzé*

Argumento: Karlo Gogodzé, segundo o romance homónimo (1890) de Ekaterine Gabachvili / *Imagem* (35 mm, preto & branco): Lev Sukhov, Aleksandre Digmelovi / *Direção artística:* Iosseb Sumbatachvili / *Música:* Artchil Keresselidzé / *Montagem:* Vassili Dolenko e Ofelia Guevorkiani / *Som:* Rafiel Kezeli / *Interpretação:* Dudukhana Tserodzé (*Magdana*), Mikho Borachvili (*Mikho*), Liana Moistsrapichvili (*Sofa*), Nani Tchikvinidzé (*Kato*), Akaki Kvantaliani (*Mitua*), Karlo Sakandelidze (*Vano*), Akaki Vassadzé (*Starosta*), Aleksandre Omiadzé (*Guigo*), Aleksandre Takaichvili (*o juiz*).
Produção: Kartuli Pilmi (Gruzia Film) / *Cópia:* do Centro Nacional do Cinema Georgiano (Tiflis), dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 70 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.*

ALAVERDOBA / 1962 “Alaverdoba”

Um filme de Giorgui Chenguelaia

Argumento: Revaz Inanichvili e Guiorgui Chenguelaia, a partir de um conto de Guram Rtcheulichvili / *Imagem* (35 mm, preto & branco): Aleksandre Rekhviachvili / *Direção artística:* Guiorgui Otchiauri / *Música:* Feliks Glonti / *Montagem:* não identificado / *Som:* Vladimer Dolidzé / *Interpretação:* Gueidar Palavandichvili (*Guram*), Kote Dauchvili (*um lezguiano*), Irakli Kokrachvili (*o vendedor*), Leo Balissevitch (*o condutor*), Nodar Piranichvili (*o barbeiro*), Kote Toloraia (*um kist*), Kote Mikaberidzé (*o cientista*).
Produção: Chota Khodjava / Kartuli Pilmi / Gruzia Film (Tiflis) / *Cópia:* do Centro Nacional do Cinema Georgiano (Tiflis), dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 41 minutos / *Estreia mundial:* 22 de Julho de 1962 / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.*

Este programa reúne dois dos mais conhecidos realizadores soviéticos das suas gerações, Tengviz Abouladzé (1924-94) e Giorgui Chenguelaia (1937-2020), cujas longas carreiras fizeram com que tenham trabalhado do período imediatamente anterior a Khrouchev até aos anos lELTSin. Um dos pontos de interesse do programa é que os filmes que vamos ver foram feitos quando ambos ainda estavam nos seus começos. **Magdanas Lurja** é o primeiro filme de ficção de Abouladzé (recebeu o prémio de melhor curta-metragem de ficção em Cannes) e **Alaverdoba** foi o filme de diploma de Chenguelaia no VIGK, em Moscovo. Realizados a sete anos de intervalo, os filmes não poderiam ser mais diferentes e a esmagadora superioridade artística de **Alaverdoba** deve-se, em algum grau, menos ao talento pessoal de cada um do que às circunstâncias políticas e à própria evolução do cinema e não apenas o soviético. **Magdanas Lurja** foi realizado no período intermédio entre a morte de Estaline (Março de 1953) e o “degelo” que se seguiu ao vigésimo congresso do Partido em 1956, quando os crimes dele foram denunciados. **Alaverdoba** foi feito em circunstâncias muito diferentes, pois no início dos anos 60, o cinema soviético não ficou imune às modificações que atingiram o cinema em muitos países e alguns grandes talentos puderam se manifestar. A título informativo e a partir do ângulo de visão de um *observador distante* (foi assim que o crítico Noël Burch definiu-se em relação ao cinema japonês) note-se que os dois filmes adaptam textos de escritores muito conhecidos na Geórgia: o primeiro de uma escritora de passagem do século XIX para o século XX, o segundo de um homem que morreu com apenas

26 anos (como um personagem literário, foi salvar uma desconhecida que se afogava), em 1960, só foi publicado em livro postumamente e, segundo alguns, revolucionou a cena literária em Tbilisi. Duas fontes literárias radicalmente diferentes e dois contextos cinematográficos bastante distintos resultaram em dois objetos cinematográficos que muito pouco têm em comum.

A autora do romance adaptado por Abouladzé escreveu alguns livros para crianças, o que talvez seja o caso do que deu origem ao seu filme, a julgar pela narrativa e pelo desenho dos personagens. Trata-se de um filme de argumento e mesmo de argumentista, o que de certa forma é típico do cinema soviético a partir dos anos 50, pois nos estúdios da URSS o argumentista era mais bem pago do que o realizador (e comprometia-se, por escrito, a fazer pelo menos três versões do guião, consoante os “pedidos” de modificação). Em **Magdanas Lurja**, a realização fica-se sobretudo por um trabalho de ilustração, com poucos achados de *mise en scène* (o melhor é, sem dúvida, a ideia de suprimir o som no momento em que é lida a sentença, cujo teor percebemos pelo rosto da ré e não pelo palavrório jurídico). Os autores do filme supunham provavelmente que os espectadores para os quais o fizeram, os georgianos, conheciam o conto, mas um *observador distante*, refestelado na sua ignorância em relação à literatura georgiana, fica desconcertado no início da narrativa, pois não sabemos onde e quando estamos, embora haja indícios de que estamos antes de 1917, pois um dos personagens é referido como “o proprietário” (pouco minutos antes do desfecho, sabemos que estamos exatamente em Dezembro de 1895). Há uma longa *mise en place*, em que os personagens são expostos a traço grosso (quase todos bonzinhos e felizes, apesar das dificuldades, exceto o mau da fita), o que reforça a impressão de uma história destinada a crianças, tanto mais que um garoto de cerca de oito anos - tão “inocente” quanto o burro - será co-protagonista do filme. Embora isto talvez se deva à “fidelidade” à fonte literária, surpreende o cliché melodramático de fazer com que as desgraças se acumulem a dada altura: um pote de iogurte se parte (o que significa dinheiro que deixa de entrar), o burro foge e, como se fosse pouco, cai um aguaceiro. Como era inevitável num filme soviético situado nos tempos do czarismo, os bons perdem, mas o desenlace é relativamente aberto, com o seu otimismo conformista (“o mundo é vasto”), num filme que pouco deixa entrever dos futuros filmes do seu realizador.

Como foi assinalado, o autor do conto que está na origem de **Alaverdoba** morreu tragicamente em 1960, tendo publicado apenas sete contos em revistas literárias. Os seus textos foram coligidos e publicados em 1961, com grande impacto nos meios culturais na Geórgia e o filme de Chenguelaia foi realizado imediatamente a seguir a esta publicação. Há nesta escolha certamente uma vontade de afirmação cultural nacional, georgiana, mas também sem dúvida uma busca de formas cinematográficas mais elaboradas, menos singelas. Inteiramente narrado em *off* e no passado pelo protagonista (evitando a dispersão narrativa, o que é crucial num filme de quarenta minutos), um homem que destoa nitidamente do meio onde está, do qual é no entanto originário: a sua intervenção destina-se a lembrar aos demais o verdadeiro sentido da celebração que fazem. Filme de ficção, **Alaverdoba** tem uma forte componente documental, o que o insere nas tendências do cinema moderno, pois a abolição da rigidez das fronteiras entre documentário e ficção é uma das características deste cinema. O título do filme, como é dito pelo narrador, é o de uma festa camponesa realizada por ocasião das colheitas, em que se misturam elementos ancestrais e prosaicas realidades do presente. Embora algo hermético para um *observador distante*, o filme parece alargar a distância entre o protagonista e o espaço humano onde se situa, para abarcar a dualidade entre modernidade e tradição, como o ilustra a passagem de um grupo de turistas, que parece mais interessado pelas *tradições* aldeãs do que aqueles para quem estas são um modo de vida, o único que conhecem. Muitos elementos se encontram e se concentram neste filme de estreia de Chenguelaia, em que tudo é extremamente pensado e o realizador sabe dar forma às suas ideias.

Antonio Rodrigues